

Em busca de Uma Memória Ibérica

Maria de Lourdes Pereira*

Resumo:

Tentaremos empreender uma reflexão sobre os contextos históricos que foram moldando a cultura portuguesa, e a literatura será sempre uma via privilegiada para uma reflexão actualizada. Conscientes das limitações de um trabalho como este, limitar-nos-emos a escutar a voz de três privilegiados interlocutores que tanto têm contribuído para essa tomada de consciência cultural e civilizacional de Portugal no mundo: Antero de Quental, José Saramago e João de Melo. O primeiro passo que temos de dar é conhecer e só depois julgar, conhecer a nossa própria identidade, a nossa realidade histórica, cultural, social. Posteriormente, virá a descoberta do «outro», o seu reconhecimento e a sua aceitação, e só então poderemos decidir se somos parte de um **Todo** ou de um **Tudo**.

Palavras-chave:

Memória, Iberismo, História, Cultura, Literatura, Antero, Saramago, João de Melo

Abstract:

We will attempt a reflection about the historical contexts that have molded Portuguese culture, and literature will always be a privileged means for a current reflection. Aware of the limitations of such a duty, we will limit ourselves to listening to three

*Universidade das Ilhas Baleares

privileged interlocutors that have contributed to that cultural and civilizational conscience of Portugal in the world: Antero de Quental, José Saramago and João de Melo.

*The first step we have to take is to get to know our own identity, our historical, cultural and social reality and only after can we judge it. Afterwards, the discovery of the “other” will come along with its acknowledgement and acceptance, and only then can we decide if we are part of a **Todo** (Whole) or a **Tudo** (whole).*

Keywords:

Memory, Iberism, History, Culture, Literature, Antero, Saramago, João de Melo

Mais de oito séculos depois da independência, repensar a realidade do Portugal contemporâneo conduz-nos inevitavelmente a uma tomada de consciência sobre essa íntima e complexa relação que sempre mantivemos com o país vizinho. A questão do Iberismo na cultura portuguesa continua a suscitar discussões mais ou menos animosas e que assumem maior fulgor em períodos de crise: política ou económica. Ainda recentemente, vimos como se desencadeou a polémica quando um ministro português, em declarações a um jornal espanhol, assumia publicamente o seu iberismo: *Soy iberista confeso. Tenemos una historia común y una lengua común. Hay unidad histórica y cultural e Iberia es una realidad que persigue tanto al Gobierno español como al portugués*¹.

Na verdade, hoje em dia, afirmações como esta continuam a alimentar acesos debates, pelo que tentaremos empreender uma reflexão sobre os contextos históricos que foram moldando a cultura portuguesa, e a literatura será sempre uma via privilegiada para uma reflexão actualizada. Conscientes das limitações de um trabalho como este, limitar-nos-emos a escutar a voz de três privilegiados

interlocutores que tanto têm contribuído para essa tomada de consciência cultural e civilizacional de Portugal no mundo: Antero de Quental, José Saramago e João de Melo.

Quando no século XIV Portugal consegue por fim a definitiva configuração do seu território com a conquista do Algarve, a terra parece-nos exígua, pelo que embarcamos rumo à aventura das descobertas marítimas. Durante séculos permanecemos de costas viradas para o velho continente, e da Europa apenas dominávamos os portos onde comercializávamos os produtos que trazíamos dos novos mundos, e que logo nos financiavam novas aventuras². Após a era dos Descobrimentos, e encerradas as conquistas marítimas, cedemos a independência ao Brasil e voltamo-nos para África, o nosso último tesouro, até que no século XIX a Inglaterra nos impõe o *Ultimatum*, e Portugal vê-se obrigado a recuar no seu poderio colonial³ e a repensar a sua situação no mundo. Depois de nos termos orientado durante séculos pelas correntes marítimas, iniciamos o regresso ao velho continente, e a realidade que encontramos não confere com aquela que vislumbrávamos desde os nossos postos de vigia. Imediatamente damos conta de que o movimento dos nossos estrangeirados e iluminados não alcançara o esplendor dos focos culturais da velha Europa. A verdade é que nos habituáramos a desenvolver uma cultura à nossa dimensão, à dimensão de um país que levantara muros contra um velho continente, e contra um país vizinho que nunca abandonara o sonho da conquista do velho reino de Portugal e dos Algarves, que tanto sangue e ilusões custara à nossa história, e nós jamais poderíamos aceitar a adjudicação desse reino que, para nascer, exigira que D. Afonso Henriques anulasse o protagonismo da sua mãe, mandando-a encarcerar. Mas também Espanha, ainda que algo mais cerca da Europa, será incapaz de se mover ao ritmo que a velha dama ditava como norma.

É como espectador da ebulição cultural em que a Europa se encontra imersa que Portugal chega ao século XIX; mas como podíamos agora apanhar o

comboio do progresso se, durante séculos, nunca nos interessáramos em reunir a bagagem necessária? Os primeiros esforços serão empreendidos pelos nossos românticos, que farão o reconhecimento do estado deprimente em que se encontrava a cultura portuguesa, mas não será senão com a Geração de 70 que se tomará como vital uma verdadeira intervenção cultural, para que Portugal possa afirmar-se como uma cultura própria. Surge uma nova geração, disposta a construir uma imagem cultural de Portugal digna de figurar ao lado da dos restantes países europeus; que aposta em conquistar a terra que faltava ao mar que havíamos descoberto. O seu trabalho germinará a partir de um dos embriões aportados pela geração imediatamente anterior, já que é então que em Portugal nasce uma consciência de cidadania⁴, de uma identidade própria, visando assim a anulação do estatuto de súbdito cultural da velha Europa.

Esta tarefa exigirá um árduo trabalho. Só depois de tomarmos consciência do nosso estado degenerativo podemos encetar o caminho da regeneração e para tal há que empreender um longo caminho analítico e reflexivo, conforme aponta Eduardo Lourenço:

Pela primeira vez, em séculos de unanimismo religioso, cultural, político, ético, desde as invasões napoleónicas até ao definitivo estabelecimento da monarquia constitucional (1834), *Portugal discute-se*.⁵

Se os românticos desejavam recuperar as ruínas, o que se pretende agora é escavar até ao fundo das estruturas para as limpar e, só a partir de então, recomeçar a erguer essa nova sociedade. Esse trabalho só foi possível porque a esta geração lhe foi permitido adquirir uma sólida formação que, até então, se encontrava vetada ao nosso meio cultural, mas já enraizada na velha Europa. Estes jovens tornar-se-ão insaciáveis; lendo, discutindo, trocando ideias, organizando tertúlias, ou seja, desenvolverão uma actitude crítica que pretende despertar o País que adormecera no regaço do Atlântico.

Hoje, devemos ter em conta que, no âmbito da cultura portuguesa, a Geração de 70 deverá significar para nós algo mais que um grupo de amigos que partilharam de um certo espírito épocal, ainda que este não possa ser ignorado. Esta Geração foi, além do mais, um grupo activo de homens críticos que se propôs repensar Portugal, como Nação e como Cultura, empenhando-se em construir o caminho do novo século, motivo pelo qual nos deveríamos sentir implicados numa mais assídua reflexão sobre o valor desta geração; pela sua acuidade crítica e construtiva deveríamos aprender a repensar esta Geração como a imagem em que se reflectem muitos dos problemas que nos atingem; os ângulos de visão em que hoje nos encontramos poderão divergir, mas a imagem subjacente coincide, em grande parte, com a realidade destes nossos tempos.

Complementando a nossa análise com o enriquecedor parecer de Eduardo Lourenço, em breve concluiremos que a charneira desta Geração reside não tanto nos tópicos que aportam, mas antes na sua extraordinária capacidade para os focar e, simultaneamente, sistematizar. Tudo isto fará de estes homens, mas sobretudo de Antero, mais exemplares ainda, já que, permanentemente conscientes, se atrevem a percorrer caminhos por outros já pisados mas nunca correctamente desbravados, citando o mestre do século XX: *Antero assume a pose do profeta da revolução, melhor, do seu apóstolo, perfeitamente consciente do quixotismo radical que o passado nacional representa*⁶.

Tanto a personalidade como a obra de Antero se pautaram constantemente por uma linha de abertura e de diálogo, não apenas com o leitor e auditório português a que se dirigiam as suas interpelações, como também com um universo mais vasto que ultrapassava as fronteiras nacionais. O interesse de Antero por Espanha e por autores espanhóis é algo bastante evidente e, até mesmo, bastante assimilado pelo pensador. Eça de Queirós, no célebre texto *Um Génio Que Era Um Santo*, dá-nos testemunho de como Antero relê o D. Quichote, com um interesse

*e uma paixão renovadas, talvez por sentir que n'essa grande história da Ilusão está lendo a sua história*⁷.

Para além da Literatura, Antero conhecia perfeitamente a história, a geografia e a evolução política do país vizinho. E esse conhecimento radica, em grande parte, no entusiasmo com que manifestou desde sempre, mas acentuando-se entre meados de 60/70, o seu interesse pelo Federalismo Ibérico. Estas manifestações aparecem quer sob a forma de panfletos, conferências e até poemas como *Ibéria*, em que o Iberismo nos é apresentado metaforicamente sob a imagem do noivado e que termina com os seguintes versos:

Hás-de ver a ventura. quando o estrado
Do leito nupcial for Liberdade,
E for dossel o céu – Fraternidade⁸.

Em 1868, recém-chegado de uma viagem por Espanha e por Paris, até onde se tinha deslocado para apresentar as suas *Odes Modernas* a Michellet, sob a identidade de um suposto amigo, refugia-se em São Miguel, até que toma conhecimento de que rebenta em Espanha a revolução do general Prim contra Isabel II, momento em que regressa a Lisboa. Em carta a Alberto Sampaio, diz-lhe então que estão abertas negociações com o partido de Castelar e que o receberão como escritor no *jornal democrático e ibérico* que irá ser fundado em Madrid. Imbuído por um desejo de justiça e de liberdade, entusiasma-se com toda esta situação, o que mais não faz que elevar o seu espírito e reforçar esse seu interesse pelo Iberismo e, *para dar peso à proposta*, organiza o panfleto *Portugal perante a Revolução de Espanha*, onde defende acerrimamente a União Ibérica, que seria alcançada através da República Federal. Neste interessante texto, Antero, apoiado pelos acontecimentos que se sucediam no país vizinho, interroga-se sobre que terá Portugal que ver com esta situação, ao que responderá contundentemente:

Coincidência única em toda a história de Portugal e de Espanha, as duas sociedades, ainda que postas em face de problemas diferentes, acham-se hoje obrigados a uma mesma solução, exactamente como dois doentes que, padecendo males diversos, encontrassem a salvação num mesmo e único remédio⁹.

Nem o próprio Claude Bernard teria conseguido ser mais preciso no momento de realizar o diagnóstico da situação. Perante este quadro, não hesita e indica-nos qual a terapia a seguir, advertindo que *O ideal da Espanha em revolução confunde-se com o ideal de Portugal que precisa ser revolucionado*¹⁰.

A partir deste momento, Antero enveredará pelo caminho que o levará a acreditar no Federalismo como solução para o problema, não só de Portugal, como de toda a Península, para o que terá contribuído, com grande vitalidade, a crença cega que depositava nas teorias socialistas e proudhonianas que nunca o abandonarão até ao fim da sua vida, e em 1891, em consequência dos acontecimentos provocados pelo *Ultimatum* inglês, confidenciará com o seu amigo Alberto Sampaio:

Por aqui a ideia de que a Inglaterra, como indemnização, pode lançar mão destas ilhas [Açores], sorri a muita gente. Confesso-te que, apesar de tudo, preferiria que ficássemos unidos a Portugal, para depois entrarmos, como Estado federal, na União Peninsular¹¹.

Não podemos permanecer indiferentes perante o facto de, poucos meses antes de desistir da vida, continuar a acreditar nessa *União Peninsular*, o que lhe confere uma coerência de que alguns duvidavam. Mas há algo sobre o qual convém reflectir um pouco: como entender este entusiasmo pelo iberismo, numa cultura que sempre vira no espanhol um inimigo, já que, segundo a *vox populi*, *de Espanha nem bom vento nem bom casamento?*

A realidade é que quase todos os homens ligados a esta geração apoiaram, uns mais que outros, ideais como estes, o que terá a ver com os ideais socialistas que por então os influenciava. Simultaneamente, não

eram raras as vezes em que se podiam encontrar alguns panfletos ou crônicas de imprensa em que, para além de um manifesto apoio à(s) revolução(ões) que atingiam o país vizinho, não se hesitava em desejar uma união federativa, e será aqui que residirá o cerne de toda esta questão. Sempre houve em Portugal um certo desejo de iberismo, ainda que este tenha assumido diversas facetas: um iberismo absolutista, que teria que ver com um poder militar, repressor, logo, castrador; e um outro, que advoga antes por uma partilha de ideias que conduzirão à revolução dos sentimentos e da cultura, um conceito bastante mais moderno, alimentada pelos ideais do socialismo mais puro¹².

Será em 71, aquando das Conferências do Casino que esta ideia se tornará cada vez mais explícita, tendo estas sido dirigidas a uma assembleia de peninsulares. Perante o estado a que chegaram os dois países da Península, Antero elabora o seu diagnóstico e concluirá de novo que o presente é calamitoso:

Portugueses e espanhóis vamos de século para século mingando em extensão e importância, até não sermos mais que duas sombras, duas nações espectros, no meio dos povos que nos rodeiam!... e que tristíssimo quadro o da nossa política interior!¹³

Este panorama, que o autor insular enfatiza particularmente, advém de uma situação paralela que se desenvolve desde há já três séculos e que Antero resume nas suas três causas: a transformação do catolicismo pelo Concílio de Trento, o estabelecimento do absolutismo e a conseqüente anulação das liberdades locais e, por fim, tal Velho do Restelo, o desenvolvimento das conquistas longínquas. Logo, se o problema é comum, também a terapia deve ser aplicada em comum, devendo-se, antes de mais, pôr fim à situação de autismo em que ambos os países tinham caído. Em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, um dos textos mais importantes de Antero, é posto em evidência, uma vez mais, um profundo conhecimento do contexto sociopolítico e histórico-cultural que regia a Península Ibérica,

sempre em relação com uma imagem de modernidade e de progresso que nos chegava, essencialmente, do centro da Europa. Para além duma maturidade e capacidade de reflexão, desta conferência trespassa, sobretudo, uma intenção de compromisso de revolução, assumida por Antero e pela sua Geração. Essa revolução, tal como já o referimos, assenta na aceitação, discussão e comunhão de ideias, e nunca no despotismo. O ideal de Antero parte, essencialmente, de uma partilha, e daí ao Federalismo será um passo:

O instinto político de descentralização e federalismo patenteia-se na multiplicidade de reinos e condados soberanos, em que se divide a Península, como um protesto e uma vitória dos interesses e energias locais, contra a unidade uniforme, esmagadora e artificial¹⁴.

O iberismo de Antero encontrou nesta conferência o seu ponto mais expressivo, mas, e uma vez mais, a realidade segue por outros caminhos, e esta euforia desvanece-se com tudo o que a rodeia. Enquanto se ordenava o encerramento das conferências, também, ironicamente, se extinguia a Comuna de Paris, e esta geração vê como os seus ideais pouco a pouco se derribam, o que dificulta cada vez mais a sua missão. Simultaneamente, vêem-se constantemente obrigados a reformular os seus ideais, em busca dessa tão desejada síntese que tardava em sair do confronto de tantas teses e antíteses. Será assim que Antero, em tom retrospectivo, dirá na carta a W. Storck: *A União Ibérica [...]. Era uma grande ilusão, da qual porém só desisti (como de muitas outras desse tempo) à força de golpes brutais e repetidos de experiência*¹⁵. Quando, em 1887, Antero escrevia esta carta, desconhecia que o seu último grito estava ainda por dar, ao aceitar a presidência da Liga Patriótica do Norte.

Em Janeiro de 1890, a Inglaterra cumpre o destino que há muito ameaçava a Pátria; o *Ultimatum* de 11 de Janeiro em que os Portugueses perdiam o *sonho cor-de-rosa*. A partir deste momento, os actos de contestação sucedem-se e são, cumprindo o ciclo

vital, os estudantes quem se encarrega de fazer despertar o País para a dura realidade. Lançam apelos à comunidade estrangeira, e os primeiros apoios chegam precisamente de Espanha através de organizações republicanas e socialistas. Uma vez mais a história se encarregava de actuar e, assim, Portugal e Espanha tinham a oportunidade de se unir face ao inimigo usurpador. Antero, contagiado pelo ímpeto e entusiasmo dos estudantes portugueses, afirma em carta a Jaime de Magalhães Lima, num tom quase sibilino:

O que se vai passar em Portugal é seríssimo. Faça cada um o seu sacrificio no altar da Pátria. Eu sacrifico a minha saúde, que naufragará de todo no meio disto, e muito provavelmente o meu nome, que antes de 6 meses estará manchado. Não importa. Quero sacrificar a vida, e morrerei contente se tiver vivido 6 meses ao menos da verdadeira vida de homem que é a da acção por uma grande causa¹⁶.

E será com esta atitude de valentia que Antero enfrentará um vez mais um grande desafio. Valentia e ousadia que não passou despercebida perante a sociedade espanhola que, imediatamente vê numa união de esforços ibéricos a melhor forma de enfrentar o perigo do Norte.

Mas o envolvimento de Antero com a Cultura Ibérica não se extingue nestas actividades mais intervencionistas ou atractivas, dado a atenção que captaram num *auditório de peninsulares*. Muitas foram as ocasiões em que participou em revistas e jornais em que as duas Culturas estavam sempre a par como *Anátema*, *O Instituto*, *Lusitânea*, *O Pensamento Social* etc., mas a mais importante terá sido, possivelmente, a *Revista Ocidental*, um projecto comum com dois dos membros mais activos, e eficientes, desta geração com um vasto leque de colaboradores espanhóis e portugueses em que se incluíam Pi y Margall, Serafin Olave y Diez, António Cánovas del Castillo, Labra, Tristan Medina, Jacinto Octavio Picón, Juan Sala, Maria del Pilar Sinués. De acordo com o que afirma Oliveira Martins, *Provocar a reunião dos elementos da nova Renascença*

*intelectual da Península, e a formação das novas escolas espanhola e portuguesa, é o fim da Revista Ocidental*¹⁷. Os projectos surgiam, entre eles a publicação do *Crime do Padre Amaro* em espanhol, e as duas nações pareciam ter encontrado nesta publicação uma boa forma de conhecimento e de diálogo, mas, apesar do arrojo, a revista não ultrapassou os poucos meses de vida, adiando, uma vez mais, a oportunidade de reconduzir a história cultural destes dois povos peninsulares.

Todo este trabalho empreendido por estes homens da Geração de 70 nos leva a defender que ao usar o conceito de Iberismo não devemos cair numa mera especulação preconceituosa para que possamos depois assumir uma postura própria. O primeiro passo que temos de dar é conhecer e só depois julgar, conhecer a nossa própria identidade, a nossa realidade histórica, cultural, social. Posteriormente, virá a descoberta do «outro», o seu reconhecimento e a sua aceitação, e só então poderemos decidir se somos parte de um **Todo** ou de um **Tudo**.

A realidade que nos cabe viver hoje impele-nos a reconhecer que o conceito de Iberismo não poderá ser reduzido a uma mera definição lexical ou a um conceito datado, mas a antes dinâmico e evolutivo. Seria legítimo argumentar que a realidade dos dois países ibéricos hoje, século XXI, é bastante distinta da que conheceu a nossa Geração de 70. Ouvimos todos os dias como os Portugueses pregoam que Espanha goza hoje de uma situação política, económica, política e social mais estável que a de Portugal. Por outro lado, não nos podemos esquecer que, enquanto os ânimos de regionalização se abrandam em Portugal, Espanha vive a força dos nacionalismos políticos e culturais.

A eleição de dois autores¹⁸ como José Saramago ou João de Melo para que nos elucidem sobre estas questões prende-se com o facto de a obra de ambos representar um elo importante nesse trabalho auto-gnosiológico, em busca da nossa identidade, já que ambos, no seguimento dos homens de 70, se encarregaram de conhecer e interrogar a nossa

história e reunir então essa bagagem histórico-cultural de que necessitamos para caracterizar a nossa identidade presente e futura¹⁹, pelo que nos permitem captar essa presença iberista na literatura contemporânea desde uma perspectiva privilegiada.

Em *A Jangada de Pedra*, Saramago convida-nos a embarcar numa viagem iniciática a bordo dessa *Jangada* em que a Península Ibérica se transforma quando, como se de algo profético se tratasse, se rompe do resto da Europa e começa a navegar por esses mares fora. Do ponto de vista físico, poderíamos então pensar que Portugal e Espanha, (Portugueses e Espanhóis), ao partilharem um mesmo espaço, estarão destinados a entender-se ao longo dessa viagem sem rumo nem tempo inicialmente definidos. Mas a esta base opõe-se a diversidade de perspectivas em que a realidade se manifesta, consoante o ângulo de focalização em que cada um se encontre:

Anaiço é professor dos primeiros anos, e com isso se disse tudo, sem falar que está em terra doutra geografia e doutra história; como iria ele explicar aos meninos espanhóis que Aljubarrota foi uma vitória quando estão habituados a esquecer que foi uma derrota²⁰.

Não obstante, jamais a ruptura assumirá um carácter dramático ou catastrófico, e acabará por se revelar num verdadeiro episódio genesíaco em que, apesar da diversidade, as realidades se poderão complementar e gerar uma nova unidade. Na consequência dessa hegemonia será a Europa quem acabará por perder dois países, e a Península irá em busca de um destino próprio; do seu lugar no mundo.

Neste momento escutamos a voz de Fernando Pessoa recitando a Almada Negreiros esses versos em que retrata uma Europa cujos antepassados permanecem marcados nos seus traços físicos; uma mulher que *Fita, com olhar esfíngico e fatal / O Ocidente, futuro do passado* e que *O rosto com que fita é Portugal*²¹. Entendemos então essa preocupação que se manifesta por uma Europa desmembrada e incompleta; de um corpo sem rosto.

A ironia de Saramago está sempre presente e por ela percebemos como os Americanos, esse guardião omnipresente, sonha já com poder contar com uma nova ilha frente às suas costas: *Se continuarem a navegar de lá para cá serão bem recebidos*²². Mas o rumo seguido pela jangada está marcado precisamente pela fuga a um destino imposto, pelo que procurará o seu próprio destino face a esse *futuro do passado* que rege o destino dos povos peninsulares e esse rumo só poderá ser definido em função de uma identidade autêntica, tal como o vimos anteriormente, daí que o seu destino esteja algures entre as costas da América Central e de África.

Como complemento a esta nossa reflexão surge o último romance de João de Melo, *O Mar de Madrid*. Através de um jogo metafórico assente na relação amorosa de um poeta português e de uma escritora catalã, o autor vai-nos dando conta da realidade em que vivem os dois povos peninsulares.

Francisco Bravo Mamede e Dolors Claret são no fundo dois escritores periféricos que se encontrarão num congresso de literatura em Madrid, e aí iniciam uma relação amorosa. Madrid surge como um espaço perfeito de ubiquação para os dois amantes:

Basta olhar o mapa da Península Ibérica, e vê-se logo que Madrid, a imperial, a equidistante, foi erguida no centro de todos os pontos geográficos que lhe ficam ao redor, a igual distância de Lisboa e do Porto, de A Coruña, de França, de Andorra e dos Pirenéus, da extensa costa mediterrânica que vai confinar com o território de Gibraltar. Toda a Espanha é um círculo imaginário com o centro em Madrid²³.

Mas esta equidistância não impede que se evidenciem algumas das diferenças que marcam o perfil de duas identidades que tentam estabelecer uma relação.

Dolors, *romancista de novelas de ficção*, viajara a Portugal sob sugestão do marido, de origem galega, num propósito de *regeneração moral*²⁴. E porque não tentá-lo se, além do mais ficava a caminho da sua Galiza? Ao entrar em Portugal, Dolors percebe que a comunicação entre os dois povos, apesar dessa

base comum, os impedia de estabelecer uma comunicação:

O problema de Dolors é que não compreendia nada do que ouvia aos portugueses de Elvas. [...] Mas havia um mistério porventura antiquíssimo nessa língua que os portugueses cantavam como uma música em tudo semelhante à da sua terra. O inverso nada tinha de verídico: quando ela falava, toda a gente do país vizinho dava mostras de a compreender na perfeição²⁵.

Ao chegar a Lisboa, Dolors é incapaz de entender o que a cidade tem para lhe transmitir, encontra-a decadente, e logo descobre que não conhece nada da sua realidade cultural, apesar de ser uma *intelectual espanhola*. Movidada pelos seus remorsos intelectuais, tentará resolver essa situação visitando museus e comprando livros numa atitude compulsiva.

Francisco Bravo Mamede é um escritor de renome em Portugal e está convencido de que a projecção da sua obra em Espanha será fundamental para a sua carreira como escritor europeu e assim *assumir a defesa e a honra da poesia portuguesa no estrangeiro*²⁶. Mas não será fácil dar-se a conhecer a esse outro que nem sempre é capaz de nos entender. Contrariamente ao que sucede com Dolors, ele entende o espanhol, e até se atreve a falar alguma coisa. Move-se perfeitamente em Espanha, admira a cidade, conhece a sua história, a sua cultura e até está informado da sua realidade política e social.

Entendemos então que a relação destes dois amantes está marcada pelo desconhecimento, pelo que jamais se poderão entregar e complementar plenamente, apesar de sentirem atraídos um pelo outro e de permanecerem unidos lado a lado. São incapazes de comunicar, pelo que jamais poderão conseguir expressar os seus verdadeiros sentimentos, para que possam encontrar-se verdadeiramente. Como se de um jogo metalinguístico se tratasse, no Capítulo 12 desta obra encontramos a melhor definição deste romance: *A HISTÓRIA ABREVIADA DE UMA ESTRANHEZA*. E é precisamente essa a expressão

que mais se coaduna com a realidade peninsular aqui *abreviada* numa *história* de amores impossíveis.

Será possível superar algum dia essa estranheza? Estamos em crer que sim e a resposta pode estar precisamente nesse *Mar de Madrid*, num princípio onírico, mas que assumirá uma dimensão real como expressão de um desejo de recuperação de uma identidade ibérica que reside numa memória histórica que se foi perdendo, em detrimento de encontro com o velho continente europeu. É possível que o *Mar de Madrid* seja o mesmo que embala *A Jangada de Pedra* e talvez algum dia consigamos desvendar essa complementaridade que existe entre Lisboa e Madrid e que agora apenas podemos captar, graças à imagem poética do escritor

Ao invés do que acontece com a Lisboa ribeirinha, ladeada, batida, empurrada para dentro pelo Tejo das compridas águas, pelo fio cortante da proa dos navios, pelos ventos salgados que, varando a barra, logo se espalham pelo estuário dentro, em Madrid ouve-se o vibrar das velas pandas, o ranger das cordas náuticas, as vozes exangues e molhadas das almas do mar que ainda ali chega, vindo do seu próprio passado²⁷.

Concluindo, parece-nos que tanto José Saramago como João De Melo, herdeiros de uma tradição, se afastam de uma atitude iberista redutora e absoluta para se aproximarem de um conceito dinâmico. Assim sendo, devemos reconhecer a existência de uma identidade que une os dois povos ibéricos, herança de toda uma história e de uma cultura comuns, mas nenhuma filosofia política deverá tentar aniquilar ou homogeneizar um perfil individual que cada um foi desenvolvendo. E como complemento ao que deixamos exposto, leiamos as palavras de Saramago:

Lo que a mí me parece es que, mirando hacia la Península Ibérica y viendo cómo realmente es un todo geográfico, no vale la pena que ciertos teóricos del nacionalismo portugués vengan a decir que las fronteras de Portugal están perfectamente justificadas, casi por una especie de determinismo antehistórico. No están, no creo que estén, no me parece que estén, pero la verdad es que, por el

contrario, miramos la Península Ibérica y la vemos como un todo. Organizar todo eso sin pasar por integraciones de carácter político, sino pasando por una espécie de relación integral cultural, eso me parece útil y deseable. Como manifestación de afirmación ante lo que viene, y lo que viene, repito, es por un lado esa uniformación cultural y la pérdida de [...] la diversidad del hombre²⁸.

Notas

¹ Declaração do ministro Mário Lino in *Faro de Vigo* de 27/04/2006.

² Mas estivemos longe de alcançar o consenso popular sobre essas empresas que nos obrigavam a viver fora de casa, bastaria ler uma das farsas de Gil Vicente como a *Farsa de Inês Pereira* para entendermos as consequências sociais e morais inerentes a essa ambição expansionista., Opinião que encontraremos ainda saída da pena de Camões que, ao mesmo tempo que empreende a tarefa de elaborar uma epopeia para cantar os feitos gloriosos dos lusos, não silenciará as palavras desse velho sentado nas areias da praia do Restelo, que manifesta o seu repúdio por essas vanglórias que em nada favorecem a nossa história, quer política, quer social; ao procurarmos a aventura longe das nossas costas ignoramos a realidade que temos em nossa casa, citando as proféticas palavras de *Os Lusíadas*:

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia! (Canto IV)

E, efectivamente, tornámo-nos reis na Índia, no Oriente e em África, mas plebeus na Europa.

³ E é aqui que este poderio inicia a sua fase final que virá a culminar com o conturbado processo de descolonização das colónias de África em 1974.

⁴ Recordemos que é com o romantismo que o Indivíduo ganha definitivamente um estatuto universal, daí que, a partir de então, todos temos direito a uma identidade, mesmo que seja um pseudónimo. Uma obra humana já não pode continuar a ser anónima.

⁵ Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*, 2ª ed., Lisboa, Gradiva, 1999, P.26

⁶ *Idem*, p.40

⁷ In Antero de Quental, *In Memoriam*, edição fac-similada, Editorial Presença e Casa dos Açores, Lisboa, 1993, p. 499.

⁸ In Antero de Quental, *Raios de Extinta Luz*, Lello & Irmão Ed., Porto, 1985, p. 128.

⁹ *Portugal perante a Revolução de Espanha* in Antero de Quental, *Prosas Sócio-Políticas*, apr. Por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, pp. 228-9.

¹⁰ *idem* p. 229

¹¹ in Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas*, II vol. Org. int. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ponta Delgada, Lisboa, Universidade dos Açores, ed. Comunicação, 1989. p.1058.

¹² Um desses autores implicados neste processo foi, sem dúvida, Oliveira Martins, um permanente e atento observador do contexto histórico-cultural-político do País. Torna-se pertinente, fazer aqui uma referência ao seu artigo *Iberismo* (in DISPERSOS, tomo II, Bib. Nacional, Lisboa, 1924), onde defende, precisamente, que desde os tempos de Napoleão que a nossa Península enveredou por essa ideia de comunhão ibérica, influenciada por uma imagem de prosperidade dada pela República Francesa, mas também por uma instabilidade interna e, consequentemente, externa. As razões para tal são distintas para cada um dos países, mas não se deve ignorar que tanto Portugal como Espanha pouco poderiam esperar do resto da Europa, daí que seja fácil consolidar essa imagem de união e, simultaneamente, de mútua protecção. Mas, após a exposição e análise das várias hipóteses plausíveis, defende claramente o seu ponto de vista: *União de pensamento e acção, independência de governo: eis, a nosso ver, a formula actual, sensata e prática do Iberismo.*

¹³ «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares», in Antero de Quental, *Prosas Sócio-Políticas*, apr. Por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p. 23

¹⁴ *Idem*, p.15.

¹⁵ *Op. Cit.*, p. 836

¹⁶ *Op. Cit.*, p. 980.

¹⁷ Oliveira Martins, *Revista Ocidental*, Lisboa: Typ. de Cristovão Augusto Rodrigues, 1875.

¹⁸ No entanto, gostaríamos de apontar que um trabalho exaustivo sobre o iberismo, como não é o caso, nos permitiria estabelecer um amplo e interessante debate entre várias vozes da língua portuguesa e que não podemos agora escutar atentamente, mas cujo eco permanece na nossa memória.

¹⁹ A este propósito remeto para o meu trabalho «Em Peregrinação com João de Melo» in *Actas del Fifth Annual Graduate Student Conference on Lusophone and Hispanic History, Literature and Culture Tinta Annex*. University of California, Santa Bárbara, Department of Spanish and Portuguese, 2004. pp 36-47.

²⁰ José Saramago, *A Jangada de Pedra*, Lisboa, Ed. Caminho,1986, p. 256

²¹ Fernando Pessoa, “ O dos Castelos”, *Mensagem*. Lisboa, Ática, 1987, p.21

²² José Saramago, *Op. Cit.* p.272

²³ João de Melo, *O Mar de Madrid*, Lisboa, Publicações Quixote, 2006, p. 26

²⁴ *Idem*, p. 43.

²⁵ *Idem*, p. 42

²⁶ *Idem* p. 73.

²⁷ *Idem*,p. 262.

²⁸ in César António Molina, *Sobre el Iberismo y Otros Escritos de Literatura Portuguesa*, Madrid, ed. Akal, 1990. p.270